Entre o fato e a notícia: as representações[1]

Mônica C.P. Sousa[2]
Faculdade do Sul-Fluminense – Fasf

Resumo

Este trabalho busca analisar as notícias veiculadas nos jornais O Globo e Jornal do Brasil quanto ao espancamento da doméstica Sirlei de Carvalho por moradores da Barra da Tijuca em 2007. A partir de tais notícias, o presente artigo propõe uma reflexão a respeito da construção e da manutenção das representações coletivas pelos meios de comunicações, em especial o jornalismo impresso, através da repercussão do crime cometido contra Sirlei. Este trabalho aborda também as questões referentes ao imaginário do espaço da Barra da Tijuca e suas relações com a "cidade paraíso" e com o "espaço violento". A análise levou em consideração as notícias de ambos os jornais entre os meses de junho e agosto do mesmo ano.

Palavras-chave

Jornalismo; Representações; Violência; Rio de Janeiro

Introdução

> *Em cada um de nós há um pecador e um santo. Tanto um quanto o outro se desenvolvem, cada qual em seu próprio plano. Tanto um quanto o outro, e não um ou outro. Ambos ao mesmo tempo. Enquanto o santo se desenvolve – se o homem é um santo –, o pecador dentro dele se desenvolve apenas no plano imaginativo... Se o homem é um pecador – isto é, se o pecador leva mais vantagem que o santo –, santo se desenvolve o melhor que pode no plano imaginativo (um desejo de santidade). É por isso que um pecador convertido nunca começa do nada. Fez algum progresso durante sua vida de pecado. (Piers Read. O Oportunista).*

Narrar está muito além de contar uma "simples" história. É com ingredientes próprios transformar o "simples" em algo interessante e plausível, que prenda a atenção de espectadores, de leitores e de ouvintes. Os personagens tomam vida própria na estrutura jornalística e reproduzem o cotidiano do homem comum. Essa narrativa não é uma exclusividade da ficção. Assim como a obra de João do Rio era um retrato da sociedade carioca do início do século XX, nossos jornais no século XXI falam do

[1] Trabalho apresentado no DT Jornalismo / GP Jornalismo Impresso – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação realizado de 2 a 6 de setembro de 2010.
[2] Monica C. P Sousa, mestre em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professora da Faculdade do Sul Fluminense (Fasf)

cotidiano, e criam o lugar do indivíduo no mundo, seja como ser genérico ou como ser particular (Bretas, 2006).

A formação deste "ser no mundo" se viabiliza pelas práticas das falas cotidianas que tanto nos "convocam a assumir um posicionamento quanto marca nosso efetivo investimento em determinadas posições ou 'lugares'". (Guimarães, 2006, 96). É através da imprensa, entre outros sistemas comunicacionais, que podemos perceber de que maneira se manifestam e em que 'locais' são produzidas as identificações e os rompimentos na representação dos valores da sociedade.

No dia 25 de junho de 2007, os principais jornais e telejornais do país destacaram o espancamento de uma mulher de 32 anos por 5 moradores dos condomínios da Barra da Tijuca. São eles: Felipe Nery, Leonardo Andrade, Júlio Junqueira, Rodrigo Bassalo e Rubens Arruda. Com o título **"Crueldade sem justificativa"** que dá nome um dos nossos subcapítulos, o jornal o Globo iniciou a cobertura do caso e publicou entre os dias 25 de junho a 25 de agosto, 28 matérias sobre o caso. O Jornal do Brasil (JB), durante o mesmo período, repercutiu o "caso Sirlei" em 17 matérias, entre os mesmos dias, começando a cobertura com o título **"Jovens de classe média espancam doméstica".** Além de espancada, Sirlei teve a bolsa roubada pelos agressores que cometeram outros delitos parecidos, como se verifica no decorrer da cobertura jornalística.

Nosso objetivo neste trabalho não é traçar comparações entre as coberturas, mas a partir delas compreender de que maneira esses dois veículos representam as narrativas sobre o espancamento. Durante os dias de recorte da pesquisa, os jornais publicaram 45 matérias.

Ficção ou realidade? – Os episódios na narrativa jornalística

A estrutura da narrativa jornalística obedece a alguns critérios de construção de sentido. Seguindo a lógica da pirâmide invertida, na qual a notícia é apresentada de acordo com o grau de relevância em ordem decrescente, o assunto em pauta vem em destaque e em primeiro ponto do lead, para ser seguido pelos detalhes dos eventos. Nesse sentido, as causas e condições de cada fato divulgado são mencionadas após o próprio evento e suas conseqüências. Sem partirmos do princípio de que essa estrutura de causas e efeitos seja fechada desta maneira, esse é o básico do mecanismo de Pirâmide Invertida dos processos de produção jornalística.

Seguindo a cobertura dos jornais O Globo[3] e JB temos os seguintes episódios narrados a cada dia da veiculação.

O Globo	**Data**	**Assuntos principais**
M – Crueldade sem Justificativa	25/06/07	Detalhes da agressão/narrativa da vida da vítima / revolta da vítima
R – Caso lembra o do índio Galdino	25/06/07	Caso de agressão envolvendo classe média/impunidade
R – Manifestação de repúdio na internet	25/06/07	Comoção / revolta
M – Detido outro acusado de espancar a doméstica S – Pai de um dos indiciados por tentativa de latrocínio diz que 'não é justo manter presas crianças que estão na faculdade'.	26/06/07	Detalhes da prisão/ Detalhes do crime/ Justificativas dos pais/ paralelo entre as declarações da vítima e dos pais dos acusados
M – A resposta da vítima S – 'Se são adultos para bater em mulher, são adultos para ficar na cadeia', diz a empregada agredida.	27/06/07	A repercussão da declaração de um dos pais / revolta da vítima para a declaração
R – Do conforto na Barra para uma cela de 4 m².	27/06/07	Paralelo entre a vida em casa e a vida na Polinter
M – Prostitutas vão mover ação contra preconceito S – Justificativa apresentada por agressores, que alegaram ter confundido doméstica com prostituta gera indignação e revolta	28/06/07	Preconceito contra mulher / teste-munha do crime / buscando justificativa
R – Razão e insensibilidade: os dois lados de um mesmo caso	28/06/07	Discurso da vítima/discurso dos acusados
E – 'Eles estavam zoando'	28/06/07	Fato/sem justificativa/relação dela com o filho de 3 anos.
M – Minutos antes da doméstica, prostituta agredida. S – Mulher reconhece Rubens como o primeiro do grupo de jovens a lhe dar um soco, em ponto de ônibus na Barra	29/06/07	Outra vítima dos mesmos agressores / outro agressor se apresenta
E – 'Agi por Impulso'-entrevista com taxista que testemunhou o crime	29/06/07	Fato/reação/ação/falta de limites dos jovens/rotina de trabalho
R – Apologia a violência	29/06/07	Retirada de páginas no orkut que fazem apologia a violência.
M – Agressores acusados de assalto à mão armada S – Nova testemunha reconhece dois dos jovens que agrediram doméstica e delegado fala em gangue que rouba e espanca	30/06/07	Outros crimes dos agressores: acusação de assalto e tráfico
R – Empregada sonha ser engenheira ou advogada	30/06/07	Sonhos dela / luta por justiça nos órgãos competentes
M – Pitboys teriam agredido mais 3 pessoas S – Novo depoimento deve complicar a situação de jovens que espancaram a doméstica na Barra	1/07/07	Outras vítimas/doméstica sofre intimidação na Delegacia
R – Cinco frutos de uma criação privilegiada	1/07/07	A rotina: "universidades particulares, academias de ginástica, bares e boates da moda"/depoimentos favoráveis e desfavoráveis de amigos e conhecidos dos agressores/
T – Prostituta escapou de agressores de Sirlei S – Pediatra diz que pais precisam aprender a identificar agressividade antes que seja tarde	2/07/07	Outra vítima/testemunha/atenção dos pais para agressividades dos filhos
E – 'Achei que fossem me estuprar'- funcionária de um posto de gasolina assaltada	2/07/07	Detalhes do assalto/ação/futuro
T – Vítima de assalto vai reconhecer hoje, oficialmente, agressores de doméstica	3/07/07	Agressores negam / agressor confessa que riu de Sirlei/identificação
T – Grupo que espancou doméstica pode ser condenado a até 24 anos S – Agravantes aumentariam as penas de todos os 5 jovens	4/07/07	Processos/pedido de prisão preventiva / outra denúncia envolvendo os agressores

[3] M= Manchete / R = Retranca / S = Subtítulo/ E = Entrevista/ T = Título

R – Advogado ameaçado	4/07/07	Advogado de Sirlei sofre ameaça.
T – Mais dois crimes – jovens teriam atacado estudante	06/07/07	Julgados também por injúria racial e tentativa de homicídio
T – Agressores têm decretada prisão preventiva – denúncia deve ser encaminhada ao MP na segunda-feira	07/07/07	Prisão/detalhes da acusação/
M – Agressores de Sirlei são denunciados pelo MP por roubo e lesões corporais. S – Advogado de doméstica quer mais rigor na denúncia contra os acusados	10/07/07	Indignação do advogado de Sirlei para a denúncia de lesão corporal
M – Luta contra impunidade exige pressão popular S – Participantes de debate 'Encontros O Globo' dizem que sociedade deve combater todo tipo de transgressão	13/07/07	Menciona a doméstica espancada
T – Agressores de Sirlei acusam Rubens S – Quatro cúmplices dizem que jovem foi quem roubou a bolsa da vítima	17/07/07	Depoimentos dos agressores
M – Agressores de empregada têm os bens bloqueados S – Liminar foi concedida para assegura reparação à vítima	24/07/07	Reparação dos danos/1 mês da agressão/

Jornal do Brasil	**Data**	**Assunto principal**
M – Jovens de classe média espancam doméstica S – Taxista anota placa do carro e três dos cinco agressores, que moram na Barra, são presos	25/06/07	Detalhes da agressão/indignação da vítima e familiares/
R – Impunidade motiva crimes	25/06/07	Impunidade
S – Advogados de Sirlei entrarão com ação por danos morais, físicos e materiais	26/06/07	Denúncia anônima/detalhes do caso/declaração do pai de um dos acusados// delegado desmente depoimento dos acusados
R – Memória JB –		caso índio Galdino
M – Polícia procura sexto suspeito S – Acusados revela a presença de mais de um jovem no dia da agressão à doméstica	27/06/07	Indignação de Sirlei para declaração/depoimento dos agressores
T – Testemunha diz que jovens roubaram sua bolsa em março. S – Doméstica vai pedir indenização por danos morais	30/06/07	Novas vítimas
T – Agressores acusados de outros crimes	02/07/07	Outros crimes
R – Memória JB –	02/07/09	Outros crimes cometidos por jovens de classe média
T – Páginas do orkut na mira da Justiça S – Comunidades de preconceito contra mulher serão investigadas	03/07/09	Retirada da apologia à violência
M – Pedida prisão preventiva de agressores da empregada S – Delegado encerra inquérito e indicia os cinco jovens por vários crimes	04/07/07	Detalhes da investigação /novas vítimas
M – Mistério envolve caso Sirlei S – Polícia pede ajuda para identificar homens que ameaçaram advogado da doméstica	5/07/07	Ameaça ao advogado
T – Justiça bloqueia bens dos cinco jovens que agrediram doméstica. S – Advogado quer garantir pagamento de indenização	25/07/07	Bloqueio dos bens/indenização da vítima
T – Doméstica depõe no fórum	04/08/07	Depoimento/dores da vítima
T – Defesa: agressores de Sirlei são calmos S – Depoimentos terminaram sem surpresas	18/08/07	Defesa dos agressores/depoimentos favoráveis

De acordo com esses dados, separamos algumas linhas de narrativa que descrevem o espancamento da doméstica, as reações/declarações da vítima e dos familiares e a repercussão da notícia. Pelo teor das informações, com exceção da notícia de que Sirlei "sonha em ser engenheira ou advogada" e do especial Impunidade, todos os episódios se repetem em ambos os jornais. Alguns deles são imprescindíveis para exemplificar nossa proposta: doméstica é espancada por moradores da Barra / revolta do pai e irmã da vítima / padrasto diz que enteado faz uso de medicamento controlado / pai diz que não é justo manter crianças com bandidos / o perdão da vítima / declaração do pai da vitima / OAB apóia causa de doméstica e prostitutas / agressores são acusados também de assalto a mão armada, tráfico de drogas e agressão/ advogado de Sirlei é ameaçado.

Todos esses fatos periféricos gravitam em torno do núcleo central que sustenta a notícia – a agressão de **"jovens moradores de classe média"** a uma **empregada doméstica** num ponto de ônibus na **Barra da Tijuca** (bairro nobre do Rio de Janeiro). Pela lógica da linguagem e da estrutura jornalística, é preciso que informações novas abasteçam as páginas dos diários, o que resulta em uma estrutura narrativa com um padrão de episódios. Tais episódios criam a sensação de uma estrutura dramática.

Sobre a noção desses episódios, podemos nos utilizar dos estudos de Teun van Dijk (2004), em "Cognição, discurso e interação". Para o autor, os episódios são as partes da narrativa com começo, meio e fim e que envolvem seqüências de eventos ou ações. Nesse sentido, os episódios possuem certa independência, o que faz com que possamos identificá-los e distingui-los de outros episódios.

Tais seqüências de episódios no jornalismo obedecem a uma regra própria de continuidade valendo-se do princípio de noticiabilidade, pelo qual um fato se torna – ou é – notícia pela peculiaridade, factualidade, interesse público. Nesse sentido, os episódios, ou o que o autor chama de macroposições – contêm por definição um assunto mote e personagens que denotam propriedade, evento ou ação. Para este trabalho consideramos os episódios não estritamente como proposições específicas, mas a partir de novos enredos que se alongam para além do centro da notícia. A representação se dá justamente pela regularidade de tais episódios (Chartier, s/d), que garante compreensão sensível à "pluralidade das clivagens, que atravessam uma sociedade, e à diversidade dos empregos de materiais ou códigos partilhados" (Chartier, 67).

Dijk propõe que as narrativas jornalísticas têm em sua essência a estrutura episódica porque tratam de eventos relevantes, apresentam os participantes importantes,

além de não serem estereotípicas. É por esses fatos que assemelhamos a narrativa jornalística desse caso ao folhetim. Podemos exemplificar tal afirmativa nas seqüências episódicas das notícias veiculadas que retratam os desdobramentos do espancamento de Sirlei de Carvalho, considerado como "evento principal" de origem da notícia, e preenchido por uma seqüência de outros eventos que, justamente pela sucessão, garantem o prolongamento da discussão do jornal.

Considerado por Martín Barbero (2003) como "o meio caminho entre a informação e a ficção", encontramos nas narrativas da imprensa algumas das lógicas que caracterizam também os folhetins. Não é somente pelos enredos e personagens com lugares demarcados na trama que permitem esse paralelo. Barbero apresenta alguns níveis que assinalam os folhetins, entre eles o dispositivo de fragmentação da leitura. Por essa lógica, o autor considera que a fragmentação possibilita ao escritor articular o discurso narrativo porque, divididos em episódios, a leitura sucessiva garante o sentido global da narrativa. De tal maneira que, os episódios asseguram aos "enredos" jornalísticos a atualidade, configuração chave para a imprensa.

Cabe ao corpo da matéria fazer o papel da retrospectiva, já que a prática do jornalismo conta com o recontar, o contextualizar cada fato. O próprio título é uma unidade de leitura do que se terá pela frente, embora o texto se encarregue de relembrar fatos que justifiquem o novo episódio. Assim, quando fala sobre a agressão a prostitutas e sobre as brigas em um posto de gasolina com novas vítimas, as notícias identificam os suspeitos como "os agressores de Sirlei". Assim, os novos episódios que, aparentemente, nada têm a ver com a doméstica, usam o caso como sustentáculo de noticiabilidade.

Percebemos então que não é a agressão em si o ponto principal da notícia, mas toda a carga simbólica existente entre que as palavras **classe média/doméstica/Barra da Tijuca** provocam. Tanto que ao longo da repercussão, apareceram as seguintes denúncias contra os acusados: agressão a uma garota de programa identificada como Ângela, assalto a mão armada contra uma funcionária de um posto de gasolina identificada como Vanessa, agressão a uma manicure, identificada como Maria, agressão a outra garota de programa identificada como X, agressão a um amigo de X, identificado como Y, agressão e racismo contra um estudante identificado como P, além de denúncias de tráfico de drogas.

No entanto, mesmo que tenham destaques na narrativa, tais episódios gravitam em torno do núcleo central de Sirlei. Embora a narrativa cresça e assuma tentáculos que

escapam ao crime cometido no dia 23 de junho de 2007, a força motriz que sustenta a notícia ainda é o crime cometido contra uma doméstica confundida com prostituta. O crime contra Sirlei não é apenas um crime que se esgota na prisão dos acusados. Ao contrário, acende várias discussões como a regularização da profissão de garota de programa, a criminalidade juvenil, a relação pais e filhos e a impunidade.

Os episódios conferem à narrativa jornalística a atualidade dos fatos, ao mesmo tempo em que se confunde com a vida cotidiana dos leitores. Assim como a narração popular, que segundo Barbero (2003), se baseia tanto na surpresa quanto na repetição, as notícias jornalísticas fundamentadas nos fatos peculiares do dia-a-dia, se justificam de maneira semelhante. Em ambas o caráter do curioso, do extraordinário se esbarra na construção da narrativa por personagens, por enredos e por "retratos" do cotidiano.

No entanto, para abarcar essas características a imprensa não tem que necessariamente se utilizar do sentido de sensacionalismo inerente ao jornalismo ou às matérias baseadas em "factóides". O que podemos perceber na pesquisa realizada é que, assim como nos contos, o desenrolar das narrativas acompanha a saga do herói e cria um emaranhado de histórias com os personagens que com ele se relacionam. Ambos os movimentos convergem para o que dinamiza o melodrama: enquanto os maus desfrutam de sua boa vida e dissimulam honestidade, os bons sofrem.

Na tentativa de manter acesa a discussão do caso Sirlei (que já aparece nas manchetes das notícias como uma alguém que se pressupõe conhecida) para contextualizar a questão da violência urbana e os paradoxos da Barra da Tijuca, a personagem é individualizada. No livro "Mídia e Violência – novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil" (2007), Silvia Ramos e Anabela Paiva apresentam uma série de entrevistas com jornalistas dos mais diversos jornais brasileiros. De acordo com um dos repórteres entrevistados, a escolha de personagens é algo inerente à imprensa. "Escolher uma pessoa como símbolo é parte da cartilha básica do jornalismo. Produz empatia, torna mais fácil a compreensão de contextos complexos e traz para o cotidiano conceitos abstratos". (2007, 61)

No caso que analisamos, podemos perceber que a construção dos personagens de Sirlei e dos agressores, além dos pais de ambos e dos familiares, se enquadra em categorias tradicionais da estrutura social. A violência é tratada não como algo inerente ao homem. Buscam-se justificativas para o crime que estão além da essência humana em si mesma. É o que Micael Herschman entende como uma visão mecanicista, que encara a violência como exceção e que acredita na pacificação da sociedade como meta.

Ao contrário, para Herschann (2000, 168), os acontecimentos não são resquícios de barbarismo, mas sim uma "prática recorrente e fundamental para a dinâmica social sempre presente em distintas sociedades e diferentes contextos".

Nesta busca, a imprensa se utiliza de alguns recursos como a espetacularização pela lógica da visibilidade e, por conseguinte, da banalização. Em 16 e 11 dias o assunto é notícia, respectivamente no O Globo e JB. No entanto, ao perder gradativamente o potencial folhetinesco, em que nada se sucede além do já conhecido, a notícia perde importância. Além do período analisado, o fato reapareceu ao longo dos meses seguintes quando havia alguma determinação judicial com respeito a apelações dos advogados de defesa, as homenagens feitas ao pai de Sirlei, que recebeu honras como personalidade do ano de 2007. Mesmo assim, as discussões mais contextualizadas ficaram restritas ao período analisado.

"Crueldade sem Justificativa"

O caso registrado na 16ª Delegacia de Polícia do Rio de Janeiro apresenta algumas das características de *fait divers* porque abarca o inesperado. Enquanto as publicidades ressaltam as maravilhas de viver na Barra da Tijuca[4]; os números do último censo comprovam os altos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) e a estrutura urbana privilegia o enclausuramento e a vigilância constantes; os altos índices de acidentes de trânsito e crimes envolvendo moradores do bairro fazem parte das estatísticas da Secretaria de Segurança, o que torna o crime notícia pelo "suposto" caráter ilógico que faz do crime um delito "anormal".

Outra característica importante de ser notada nesse caso e na repercussão que ele atinge pode ser encontrada nos textos de Muniz Sodré (1992), que analisa a associação de negros, pardos e migrantes do norte/nordeste "excluídos do modelo de socialização afinado com a concentração de renda e com os discursos sociais oficialmente hegemônicos." (1992,113). Ao mesmo tempo em que os meios de comunicação irradiam as representações de negros e pardos como cidadãos "discrimináveis" em filmes e telenovelas e reforçam os papéis e estereótipos, é também quem por meio das notícias apresentam a outra face da violência urbana, cometida para além do estereótipo. E daí a "anomia" que transforma o fato em algo "inusitado".

A repercussão e as narrativas em episódios a partir da notícia do dia 25 de junho mostram como os meios de comunicação simulam uma realidade uniforme quando a

[4] Pesquisa desenvolvida por Ricardo Ferreira Freitas.

própria concepção do fato em si mesmo demonstra não haver uniformidade e a não responderem a padrões pré-estabelecidos às ações humanas. Num processo semelhante ao que cria os estereótipos da cor/pobreza associados à criminalidade, a imprensa simula padrões consensuais de conduta (Sodré, 2006). Não é apenas da transmissão de informação pelo conteúdo, mas de produção encenada a partir do espetáculo da própria notícia que contraria a "ordem natural" estabelecida pelos discursos midiáticos. Em ambos os jornais, as matérias apresentam o espanto tanto da vítima como de seus familiares para o fato de os agressores se tratarem de pessoas "bem vestidas", "não pareciam criminosos". Para retratar, utilizamo-nos de alguns trechos dos jornais:

> - "Esses garotos não tinham necessidade de fazer isso, eles têm de tudo". (Patrícia Carvalho - irmã de Sirlei). O Globo, 25/06, página 11
> - "Lá onde eu moro, muitas pessoas trabalham e estudam à noite e não têm oportunidade". Eles (os agressores) não sabem aproveitar o que têm. (Sirlei de Carvalho) O Globo, 25/12, página 11.
> - "Eu podia esperar uma coisa dessas onde a gente mora, que é um lugar violento". (Patrícia Carvalho – irmã de Sirlei). JB, 25/06, página A8.
> - "Sirlei contou que os agressores estavam bem vestidos, de tênis, perfumados". (JB, 25/06, página A8).

Em um dos trechos da manchete da página A8, o texto faz um paralelo entre a vida da "doméstica" e a vida do "grupo de rapazes da classe média". Enquanto descreve Sirlei como uma mulher de 32 anos; mãe de um menino de 3 anos; "que madrugou no ponto de ônibus" para uma consulta médica e que depois "em seu dia de folga" iria fazer faxina em Ipanema; os jornais falam nos textos ao longo de toda a cobertura de jovens arruaceiros, que estavam saindo de uma festa, que antes e depois de atacarem Sirlei se envolveram em outros delitos. O jornal o Globo do dia 27/06 conta com uma retranca em que faz um paralelo da vida dos agressores "Do conforto na Barra para uma cela de 4m²".

A mesma lógica estereotipada é encontrada num discurso que esvazia o sentido do crime em si mesmo e o estende a causas como a falta de estrutura familiar, por exemplo. Desta maneira, não é um esvaziar pela omissão, mas ao contrário, para contextualizar a partir de novas possibilidades. Entre os assuntos abordados durante a cobertura da imprensa, alguns pontos se repetem em ambos os jornais, tais como: falta de estrutura familiar da família dos agressores em oposição à boa educação dos pais da vítima, mordomias de uma criação "privilegiada", falta de limites, excesso de liberdade, distorção de valores e impunidade. A busca de justificativa para a violência e

entendimento do que ocorre na classe média pode ser observada na busca de alguns especialistas como fonte.

O jornal O Globo, por exemplo, entrevistou além das fontes oficiais dos departamentos de Delegacia de Polícia: um psicólogo, um psicanalista, o presidente e outros representantes da Ordem dos Advogados do Brasil, o presidente da Associação Brasileira de Educação, representante do Direito da Criança e do Adolescente da Sociedade Pediátrica do Rio de Janeiro, um antropólogo, representante do Conselho Estadual da Criança e do Adolescente, uma socióloga do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania. E para falar sobre a declaração de que os agressores confundiram Sirlei com uma prostituta, o jornal ouviu a presidente da ONG Davida. O Jornal do Brasil buscou um formato de texto mais voltado para contar o cotidiano tanto de Sirlei quanto dos agressores e suas fontes foram: a diretora do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania, representante da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher, pedagogo, advogado penal, doutora em psiquiatria forense, a presidente e fundadora da ONG Davida, além das fontes oficiais dos departamentos de Delegacia de Polícia.

Com isso, o crime não é em si mesmo a causa do espanto, mas a quebra de padrões que por trás dele insinua uma cadeia de outras "quebras". Deste modo, os lugares estão esvaziados de sentido quando os indivíduos se definem funcionalmente por uma lógica socioeconômica, analisa Muniz Sodré (2006). É relevante nesse sentido destacarmos que durante o primeiro dia dos dois jornais pesquisados a identificação tanto da vítima e seus familiares, quanto dos agressores e seus familiares são feitas não somente pelo nome e sobrenome, mas também pela ocupação. Sem que isso seja fenômeno isolado neste caso, a identificação faz parte da narrativa jornalística.

E neste caso, embora durante alguns discursos das matérias ressaltem o trabalho da vítima e as citações referentes às declarações de Sirlei – de que os jovens moradores de Duque de Caxias, onde ela mora, trabalham, estudam e não têm as mesmas oportunidades de seus agressores – os jovens que agrediram Sirlei também trabalham e têm as profissões em suas identificações: Felipe Nery é estudante de administração, Júlio Junqueira, empresário e estudante de gastronomia, Leonardo Andrade, técnico em informática, Rodrigo Bassalo, estudante de turismo e Rubens Arruda, estudante de direito. Neste sentido, a profissão de Sirlei como doméstica é contrastada durante a divulgação das informações com a vida de "mordomias" dos agressores. O jornal O Globo de 25/05 cria um paralelo indireto aos esmiuçar as informações, quando descreve a rotina daquela madrugada de Sirlei (atacada às 5h) e a rotina dos agressores que

estavam voltando de uma festa em São Conrado. Enquanto Sirlei estava à espera de um ônibus que a levaria para o médico, o carro usado pelos jovens que a atacaram era um presente recebido havia dois dias.

Deste modo, ao representar a violência cometida dentro dos "muros do bairro mais seguro do Rio", os jornais analisados reproduzem os mesmos processos de uniformização, que, quando quebrados, geram o *fait divers*. Assim, a classe social atrelada à violência ganha estigmas devido ao poder econômico, e uma notícia como a da doméstica espancada por moradores da Barra passa a ser o "retrato" da impunidade e da facilitação possíveis a partir das condições econômicas. Fortalecer esses novos estereótipos torna a imprensa capaz de sustentar seu *fait divers* numa sucessão de notícias que terminam por banalizar o assunto, que se esgota no momento em que seu prolongamento deixa de apresentar noticiabilidade.

"Impunidade motiva crimes"

A desenvoltura com a seriedade política da qual fala Maffesoli (2004), quando trata da sabedoria dionisíaca e das ambivalências, é abordada por ambos os jornais, que já no primeiro dia de cobertura destacam a impunidade como uma constante na atuação da justiça brasileira. Tal ênfase é observada nessa pesquisa a partir das relações textuais do emaranhado de informações. O jornal O Globo do dia 25/06 dedica toda a primeira página da editoria Rio ao caso. Como subtítulo o jornal diz: "Cinco jovens de classe média da Barra espancam doméstica pensando tratar-se de prostituta". A matéria conta com um box que faz menção ao caso do índio assassinado no dia 21 de abril de 1997, em Brasília, por jovens de classe média. O mesmo destaque dá o JB do dia 26/06, num box denominado "Memória JB".

No decorrer de ambos os boxes, as comparações com o caso do índio Galdino se referem principalmente ao fato de serem jovens de classe média que saíram praticamente impunes dos crimes porque foram beneficiados por algumas brechas da justiça brasileira. Os textos informam que os condenados tiveram direito a sair do presídio para estudar e trabalhar, mas que foram flagrados namorando, dirigindo e bebendo em bares de Brasília, além de estar explícito no texto de O Globo as ligações de alguns dos agressores de Galdino: um é filho de um juiz federal e outro enteado de um ex-ministro do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). No entanto, a "Memória" do Jornal do Brasil vai um pouco mais perto do Rio de Janeiro e no dia 2/07 mais um box analisa casos de violência envolvendo jovens moradores da Zona Sul da cidade; sendo

um deles envolvendo um filho de deputado. No texto, todos os casos referidos acabaram com a liberação dos envolvidos.

É tão direta a conexão do crime com a impunidade que a retranca do JB no primeiro dia de veiculação diz: "Impunidade motiva crimes", numa alusão direta aos desvios da lei com alguns setores da sociedade, justificando que a sensação de insegurança surge porque os criminosos acreditam que podem agredir "principalmente pessoas que não têm poder na sociedade" sem que sejam punidos por isso.

Além dos ingredientes de noticiabilidade que garantem a divulgação dos *fait divers*, como o inusitado, é importante perceber que a repercussão de alguns fatos revela outras questões que não estão propriamente neles, como a questão de luta de classes e da impunidade da justiça brasileira. É o que podemos perceber nas notícias selecionadas para a pesquisa. Com títulos como "Impunidade motiva crimes" (JB, 25/06), "Do conforto na Barra para uma cela de 4m²" (O Globo, 27/06), "Cinco frutos de uma criação privilegiada" (O Globo, 1/07).

Na análise é possível perceber que a questão familiar é apontada como um dos motivos para a falta de limites, os excessos de liberdade e a mordomia que têm os jovens de classe média. O pai de Sirlei, o pedreiro[5] Renato Moreira Carvalho disse ao Globo de 25/06 que tinha pena dos agressores, que eles precisavam de tratamento e destacou a falta de integridade e a criação sem limites como a causa da violência. "Por isso, os jovens estão tão violentos. Se os pais procurarem saber o que os filhos fazem fora de casa, podem melhorar muito esse caos."

Em oposição, um dos pontos que mais se destacaram durante a repercussão do espancamento, e que levou a mais discussões sobre a responsabilidade dos pais nos casos de violência, foi a declaração do pai de um dos acusados. No O Globo de 26/06 um subtítulo diz: "Pai de um dos indiciados por tentativa de latrocínio diz que 'não é justo manter presas crianças que estão na faculdade'". Na matéria o texto reproduz a fala do empresário Ludovico Ramalho Bruno e complementa que ele acredita que a família não tem culpa do que ocorreu.

O JB de 26/06 não dá destaque para o caso na manchete ou subtítulo, mas reproduz a fala do mesmo pai: "não é justo deixar crianças que estão na faculdade, na

[5] Durante cobertura do caso de Sirlei de Carvalho pela imprensa, as profissões das fontes foram divulgadas, como é comum no jornalismo. No entanto, é interessante notar a maneira como profissões também divergem por classe social, e neste caso, pela questão da integridade para criar os filhos. Como esse trabalho é voltado para a pesquisa da representação das narrativas, não abordamos nesse trabalho a questão da luta de classes e nem nosso viés é econômico. Apenas buscamos retratar o que está nos jornais.

Polinter, com bandidos perigosos". O texto complementa de maneira indireta que Ludovico também sugeriu que os suspeitos estavam alcoolizados o drogados. Há também a declaração do padrasto de outro agressor que justificou a violência do enteado porque este sofre de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e que toma remédios de venda controlada (O Globo, 26/06).

Nessas declarações destacadas e nas outras ao longo das matérias é possível perceber que a violência da agressão passa pela questão familiar muito mais do que pelo senso de responsabilidade e ética. As declarações do padrasto (que não teve o nome divulgado) e do pai de Sirlei (de que devem ser doentes) levam-nos a crer que por trás de tal declaração se encontra a crença de que somente com algum distúrbio jovens moradores da Barra da Tijuca cometeriam tão crime.

É interessante notar que a própria concepção de bandido em aberto. Não se estabelece em nenhuma das matérias analisadas o que definiria bandido. No entanto, é interessante perceber que para Ludovico o crime cometido não subentende os agressores como bandidos. E não consideramos aqui uma atitude paternalista, já que nas declarações da vítima aos jornais, ao identificar os agressores, Sirlei também diz que não acreditou que eles fossem bandidos porque estavam bem vestidos, usando tênis e perfumados, e a irmã de Sirlei, Patrícia, diz também que esperaria esse tipo de comportamento das pessoas de onde ela mora. A própria concepção de bandido está distorcida do sentido literal da palavra porque carrega representações que ultrapassam a questão da violência.

A matéria aponta as diferenças entre a vida na Barra da Tijuca e a cela da Polinter do Grajaú. O "conforto" se contrapõe à realidade da prisão: "Eles dividem um cubículo de quatro metros quadrados (...) com vigilância permanente de policiais armados. Em vez de roupas confortáveis, apenas cuecas". A nova realidade destacada pelos jornais contrapõe os valores difundidos para a Barra da Tijuca em suas propagandas de grandes espaços, lazer, conforto e vigilância constante contra aqueles que estão do "outro lado do muro".

Considerações finais

Deste modo, o *campo dos medias* dá visibilidade à narrativa e, concomitantemente, é onde os discursos sociais encontram espaços para serem discutidos publicamente. O "poder" da mídia está justamente em determinar a maneira como cada narrativa será apresentada, no seu sentido próprio de selecionar, editar e

classificar o seu grau de importância. Pensando na imprensa como uma vertente de poder, podemos nos utilizar da idéia de Foucault (2008), para quem o poder é aceito não pela força de poder dizer *não*, mas pela capacidade de produzir discursos, "ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber. (...) uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que instância negativa que tem por função reprimir" (2008, 8).

Essa descentralização do olhar garante à cidade e à imprensa um caráter orgânico. Estar em ambivalência é reconhecer que há partes que se repelem, mas que também convergem em determinados momentos. E assim é a vida cotidiana. Estar nas grandes cidades pressupõe estar entre o bem e o mal da cidade, como diz Maffesoli. Todas as características, sejam "benéficas ou más", são experiências que tornam a vida real. Pressupor que a ambivalência se limita a grandes centros urbanos é deixar de perceber que o bem e o mal são partes irreconciliáveis e imprescindíveis uma a outra. A sabedoria está em reconhecer essa dualidade osmótica.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BRETAS, Beatriz. *Interações cotidianas.* In: Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. César Guimarães e Vera França (org). Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2006.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. *Cidades de muros: crimes, segregação e cidadania em São Paulo.* São Paulo. Edusp/Editora 34, 2000;

CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia.* Editora da Universidade UFRGS.

CONTRERA, Marilena Segura. *Mídia e Pânico – Saturação da Informação, Violência e Crise Cultural na Mídia.* SP. Annablume: Fapesp. 2002.

DIJK, Teun A. van. *Cognição, discurso e Interação.* Contexto. São Paulo. 2004.

FREITAS, Ricardo e NACIF, Rafael (org.**).** *Destinos da cidade: comunicação, arte e cultura.* Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005.

FREITAS, Ricardo Ferreira. *Narrativas da violência: um estudo de caso sobre a Barra da Tijuca.* Artigo apresentado no XXVIII Congresso de Ciência da Comunicação.

FOUCAULT, Michel. *Verdade e Poder*. In: Microfísica do Poder. Edições Graal. Rio de Janeiro. 2008.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade.* Ed. Rocco. Rio de Janeiro, 1994.

GUIMARAES, César. Fraca, Vera. *Mídia: um aro, um halo e um elo.* In: Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. César Guimarães e Vera França (org). Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2006.

HERSCHAMNN, Micael. *As Imagens das Galeras Funk Cariocas*. In: Linguagens da Violência.

JAGUARIBE, Beatriz. *Fins de século: cidade e cultura no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro. Ed. Rocco, 1988;

MAFFESOLI, Michel. *A parte do diabo – resumo da subversão pós-moderna.* Rio de Janeiro. Record, 2004.

MARTIN – BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.* Rio de Janeiro, UFRJ, 2002.

RAMOS, Sílvia. PAIVA, Anabela. *Mídia e Violência: tendências da cobertura de criminalidade e segurança no Brasil.* IUPERJ. Rio de Janeiro. 2007.

RONDELLI, Elizabeth. *As Imagens da Violência e Práticas Discursivas.* In: Linguagens da Violência. PEREIRA MESSENDER, Carlos Alberto (*et al*). Rocco. Rio de Janeiro. 2000.

SODRÉ, Muniz. Sociedade, Mídia e Violência. 2 Edição. Ed. Sulinas e Edipucrs, Porto Alegre, 2006.

_____O Social Irradiado – Violência Urbana, Neogrotesco e Mídia. Cortez. São Paulo, 1992.